

«HÁ ESPERANÇA? O FASCÍNIO DA DESCOBERTA»

11. «Mas dizem-me que é tolice dizê-lo»

«A única verdadeira tolice é restringir o real ao horizonte estreito do nosso “já sabido”, pensar que já sabemos tudo, condenando os seus limites ao possível e, portanto, não esperar nada. “Tenho a impressão”, diz Michel Houellebecq pela boca do atormentado protagonista do seu último romance, “de que, quando mergulhamos na verdadeira noite, na noite polar, aquela que dura seis meses consecutivos, o conceito ou a lembrança do sol subsiste. Tinha entrado numa *noite sem fim*, mas, no fundo de mim, subsistia qualquer coisa, muito menos que uma esperança, chamemos-lhe uma incerteza. Podia-se igualmente dizer que, mesmo quando perdemos pessoalmente a partida, quando jogámos a última cartada, resta em alguns [...] a ideia de que *algo nos céus* vai tomar conta do jogo [...] e isto mesmo quando nunca sentimos, em momento algum da vida, a intervenção ou mesmo a presença de qualquer divindade, mesmo quando temos consciência de não ter particularmente merecido a intervenção de uma divindade favorável, e mesmo quando nos damos conta, considerando a acumulação de erros e de faltas que constituem a nossa vida, de que a merecemos menos que toda a gente”. A única verdadeira tolice é negar a possibilidade do acontecimento. Giussani fala, a propósito disto, dum autêntico “crime contra a suprema categoria da razão, a categoria da possibilidade”».

(J. Carrón, *Há esperança? O fascínio da descoberta*, Tenacitas, Coimbra 2021, pp. 60-61)

Como é que vives o teu dia entre o imprevisto e o «já sabido»?

Relembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos para o site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gcontributi/>